

A relativa superfície da imbecilidade

Muriel Paraboni*

Sou obrigado a admitir que me aborrecem esses numerosos debates que pipocam pelo país na heróica busca por soluções às grandes questões da cinematografia nacional. Aliás, talvez não me aborreçam mais do que entediam, já que, normalmente tolos, rasteiros e relativos demais, quase sempre levam a lugar algum. Antes de esclarecer devidamente estas minhas colocações, porém, queria antecipar que estou ciente de minha brutal contradição já na abertura da tese, uma vez dando à luz um artigo que incorre gravemente no mesmo erro que crucifica.

Mas se minhas defesas fossem impecáveis, e eu estivesse coberto de razão em tudo, afinal, todos os debates terminariam por aqui mesmo. E eu não iria desejar ser o responsável pelo tédio de tanta gente que de um jeito ou de outro vive do e para o cinema.

Não seria o caso, nem que fosse possível, apontar culpados. O mesmo estigma que parece cercar as discussões sobre o cinema brasileiro do pós-apocalipse *collorido*, há muito tem derrubado os intelectuais mais respeitados. É como tagarelar sobre aquelas já reumáticas “questões” sociais como a criminalidade, o álcool, as drogas. Testemunhar um debate desses pode ser tão divertido quanto um bom filme do *Monty Python*. De um lado, temos aqueles que acham que armando a polícia a bandidagem termina, que proibindo a bebida se impede o alcoolismo, que fazendo campanhas públicas de

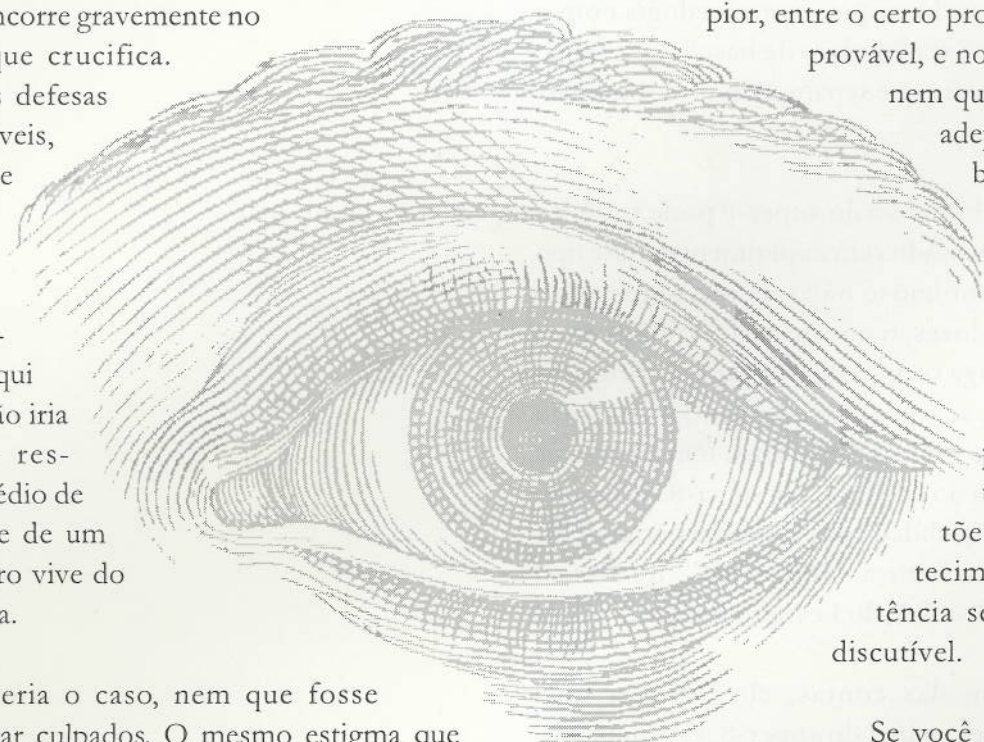
conscientização se pode neutralizar o uso de drogas. Do outro lado, claro, vamos encontrar o grupo dos que preferem sair pelas ruas fuzilando todos os marginais, surrando os bêbados para curar o porre e liberando a maconha pra todo mundo ficar “doidão”.

A reincidência deste mesmo pecado é apavorante. Existe um tema para ser debatido e o café-com-leite da discussão é quase sempre dividir as opiniões entre o sim e o não, entre o melhor e o pior, entre o certo provável e o errado

provável, e no final das contas nem que lado teve mais adeptos se quer saber. Um fórum

que procure entender a razão primeira porque as coisas são como são, ou melhor, porque as “questões” são “questões”, é um acontecimento cuja existência seria no mínimo discutível.

Se você ainda está meio perdido na maionese, pense um pouco junto comigo. Se matarmos ou prendermos todos os bandidos, se proibirmos o uso do álcool e curarmos todos os bêbados de plantão na base da lenha, se gastarmos todo o dinheiro do governo em campanhas contra as drogas, sinceramente, você acha que estes problemas serão então solucionados? Não vou nem dar idéias, para não parecer pretencioso. Além do mais, acho que uma simples indagação já dá conta do recado. Afinal, não seria mais proveitoso procurarmos



entender por quê, na raiz essencial da coisa, a violência e as dependências químicas existem?

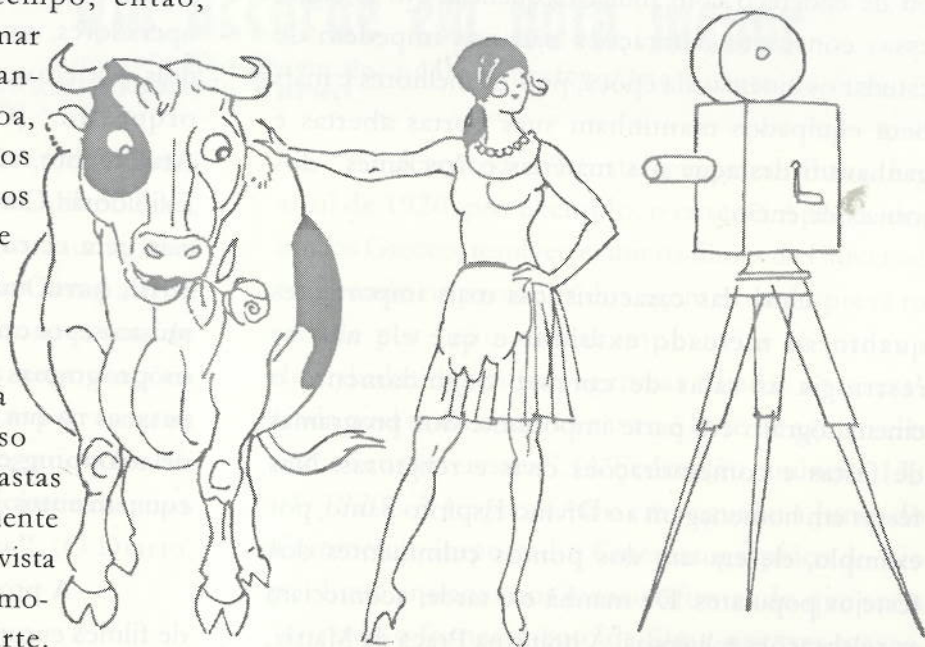
Acaba sobrando desse terrível vício para praticamente todas as questões publicamente alardeadas por aí afora. E o cinema é vítima também. Quando alguém resolve falar sobre a cinematografia nacional, normalmente é pra atirar cocô no ventilador. Será que o Brasil deve produzir filmes comerciais ou filmes de arte? Erguem-se os defensores da indústria e do entretenimento, que se matam com os neo-estetas que procuram no cinema alguma forma de expressão pessoal. É tamanha a superficialidade da coisa que a grande ambição dos debates mais sérios, de um modo geral, é dividir em duas opiniões bobas um tema ainda mais imbecil e inútil. E as possibilidades em foco são normalmente tão relativas que mudando meia variável você já não tem mais nem o tema do debate.

Talvez eu tenha falado tudo isso só para chegar em um pequeno e singelo punhado de opiniões que acharia importante serem ao menos conhecidas. O egocentrismo intelectual com que se toma um assunto em debate é normalmente o principal responsável pela sua relativa superfície de imbecilidade. Não percamos tempo, então, procurando saber se o certo é filmar com humanidade ou com mercantilismo. Não gastemos saliva à toa, então, discutindo se hoje estamos fazendo filmes bons ou ruins. Não nos desgastemos, então, com a grande "questão" do imperialismo do cinema americano aqui e no mundo.

Particularmente, acharia muito mais construtivo e proveitoso buscarmos saber se os nossos cineastas estão tão preparados humanisticamente quanto o parecem estar do ponto de vista técnico. Talvez fosse legal perguntarmos se de fato sabemos o que é arte. Além disso, poderíamos nem ir muito profundamente nas novas incursões, e buscar saber se é só no cinema que existe imperialismo e se, diante da resposta,

adiantaria lutarmos para mudar a situação do cinema se o restante, em que o cinema está fatalmente contido, continua na mesma. Aí está, afinal, o melhor exemplo do egocentrismo que pode cegar de imbecilidade o brilhantismo da noção em debate.

Acho que dá pra arriscar que, de um modo geral, tanto o cineasta brasileiro quanto o intelectual do meio estão despreparados para as funções que escolheram. Uns estão bitolados e não conhecem nada mais no mundo que não o cinema, e o cinema brasileiro. O filme, para estes, é uma entidade com existência própria. Outros, porém, não tão bitolados, podem estar nadando no mar oleoso do próprio ego, sem saber que tomam por grande arte nada mais do que uma arte que simplesmente é grande. Mas existem, também, aqueles que não aparecem nos debates, e que deixam para as suas pinturas animadas a sua marca sutil, que transborda arte, que transborda humanidade, que vai fundo na razão e no espírito, e que, ao final de tudo, ensaia um coro de aplausos que desconhece limites geográficos, políticos ou culturais. São esses, e mais ninguém, que têm mudado as coisas por aqui.



*Estudante do curso de Especialização em Produção Cinematográfica - FAMECOS / PUCRS